SAÚDE MENTAL NO ENSINO SUPERIOR: O ENSINO DE HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA PARA PROFESSORES E ESTUDANTES[1]

MENTAL HEALTH IN HIGHER EDUCATION: TEACHING NONVIOLENT COMMUNICATION FOR PROFESSORS AND ACADEMIC STUDENTS

Adriana Vazzoler-Mendonça[1]
Orcid id 0000-0003-0190-5533
Jair Lopes Júnior[2]
Orcid id 0000-0002-8918-3805
Vera Lúcia Messias Fialho Capellini[3]
Orcid id 0000-0002-9184-8319
Cristina Costa-Lobo[4]
Orcid id 0000-0003-4459-8676

Resumo

Conflitos interpessoais no Ensino Superior (ES) estão associados a sofrimento e prejuízos no ensino e na aprendizagem. A literatura registra, como técnica de prevenção e gestão de conflitos de forma pacífica, repertórios comportamentais que constituem o método Comunicação Não-Violenta (CNV). Este artigo tem por objetivo analisar e discutir a pertinência e eficácia de estratégias utilizadas no ensino de habilidades comunicacionais não-violentas no Ensino Superior. A abordagem metodológica utilizada foi a revisão integrativa, que identificou quatro publicações. Questiona-se se depois de receber instruções de como se comunicar de forma não-violenta, professores e estudantes no ES reduziriam seus níveis de conflito. Os resultados apontam para condições favoráveis a intervenções com o método CNV no ES com vistas à aquisição de habilidades promotoras da paz nas relações. À guisa de conclusão, convida-se a comunidade científica a produzir estudos correlacionando os resultados da CNV e a saúde mental no ambiente educacional.
Palavras-chave: ensino superior, habilidades de comunicação, não-violência, relação professor-aluno, saúde mental

Abstract

Interpersonal conflicts in Higher Education (HE) are associated with suffering and affects negatively teaching and learning. The literature records, as a technique for preventing and managing conflicts peacefully, behavioral repertoires that constitute the Nonviolent

1 Psicóloga, investigadora do CIDI-IESF, mestranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) câmpus Bauru, Brasil.
2 Psicólogo, docente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências e credenciado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho"(UNESP) câmpus Bauru, Brasil.
3 Pedagoga, investigadora do CIDI-IESF, docente do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e credenciada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho"(UNESP) câmpus Bauru, Brasil.
4 Psicóloga, investigadora da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade, investigadora do CIDI-IESF, do Centro de Estudos Organizacionais e Sociais do Politécnico do Porto (CEOS-PP), consultora do Externato de Santa Clara/Academia Beatriz Ribeiro, docente no programa de Psicologia do IUCS- CESPU), da UTAD, do Instituto Piaget de Viseu, Portugal, e do ISPB, Angola.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

Communication (NVC) method. This article aims to analyze and discuss the relevance and effectiveness of strategies used in teaching nonviolent communication skills in Higher Education. The methodological approach used was an integrative review, which identified four publications. We questioned whether after receiving instruction in how to communicate nonviolently, professors and academic students would reduce their levels of conflict. The results point to conditions favorable for interventions with the CNV method in HE aiming to acquiring skills that promote peace in relationships. As a conclusion, we invite the scientific community to produce studies correlating the results of NVC and mental health in the educational environment.
Keywords: communication skills, higher education, mental health, nonviolence, student-teacher relationship

Resumen

Los conflictos interpersonales en la Educación Superior (ES) están asociados al sufrimiento y al daño a la enseñanza y al aprendizaje. La literatura registra, como técnica de prevención y gestión pacífica de conflictos, comportamientos que constituyen el método de la Comunicación No Violenta (CNV). Este artículo analiza y discute la pertinencia y eficacia de las estrategias utilizadas en la enseñanza de las habilidades de comunicación no violenta en la ES. El enfoque metodológico utilizado fue la revisión integradora, que identificó cuatro publicaciones. Se cuestiona si después de recibir instrucción sobre cómo comunicarse de forma no violenta, los profesores y alumnos de ES reducirían sus niveles de conflicto. Los resultados apuntan a condiciones favorables para las intervenciones con el método CNV en ES para la adición de habilidades que promuevan la paz en las relaciones. Como conclusión, se invita a la comunidad científica a elaborar estudios que correlacionen los resultados de la CNV y la salud mental en el ámbito educativo.
Palabras-llave: enseñanza superior, no violencia, relación profesor-alumno, salud mental, técnica de comunicación

A integração acadêmica, sendo assumida como um processo em que os estudantes estão imersos na cultura institucional, partilhando valores e aumentando o sentimento de pertencimento (Barroso et al, 2022; Wolf-Wendel, Ward, & Kinzie, 2009), compõe o sucesso de estudantes no Ensino Superior (ES) (Casanova, 2018) e é resultado desejado pelas Instituições de Ensino Superior (IES), políticas educativas e pela sociedade (Tinto, 2010).

Conflitos interpessoais podem comprometer os processos de integração acadêmica, ensino-aprendizagem e de produção cientifica. Segundo Koopman e Seliga (2021), o ES reproduz modelos de distanciamento emocional e de julgamentos que abrem possibilidades para outras formas de violência. Este artigo discute o ensino do método Comunicação Não-Violenta (CNV), sistematizado por Rosenberg (2006), como técnica preventiva e terapêutica para conflitos nos relacionamentos entre docentes e discentes no ES, a partir de uma revisão integrativa.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

A revisão integrativa permite a inclusão de artigos não somente sobre experimentos, mas também revisões e relatos de casos; proporciona a síntese do conhecimento e pode promover a apropriação dos resultados dos estudos em aplicação prática (Souza, Silva & Carvalho, 2010).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a condição de saúde mental é definida como o "[...] aproveitamento pleno das potencialidades e capacidades cognitivas, relacionais e afetivas, bem como a capacidade de enfrentar as dificuldades da vida, produzir trabalho e contribuir para ações em sociedade." (*World Health Organization*, 2003, p. 7). Considerando que o processo de ensino-aprendizagem requer ambiente seguro, afetivo e prazeroso (Porto & Santos, 2018; Soares Silva & Ribeiro, 2020), quando conflitos interpessoais na Educação são normalizados, como a violência estrutural (Koopman & Seliga, 2021), eles podem também corroer silenciosamente o florescimento dos talentos, tanto dos discentes como dos docentes, e favorecer seu adoecimento (Campos, Véras & Araújo, 2020; Penha, Oliveira & Mendes, 2020; Pignatti & Silva, 2020).

Uma vez que a inclusão e a permanência dos estudantes no ES decorrem tanto do âmbito acadêmico como do social, os processos de vinculação podem ser ameaçados por episódios de comunicação violenta e por relacionamentos violentos. Há que se considerar, portanto, as experiências acadêmicas formais e informais, e as que acontecem em interações pontuais ou duradouras com professores e demais colaboradores não docentes da instituição. Essa interação deve ser interpretada não só considerando a relação estabelecida entre o estudante e a Instituição de Ensino Superior, mas também as demais influências sociais, econômicas e políticas que afetam tanto estudantes como as IES. No caso das experiências serem positivas para o estudante, pautadas por qualidade e apoio, tendem a afetar favoravelmente sua integração acadêmica geral (Tinto, 1993; 2010).

Com a intenção de contribuir nesse cenário, o intuito principal deste artigo é o de descrever e discutir, na visão de quem analisa artigos publicados sobre a temática, o ensino de habilidades no conceito de Comunicação Não-Violenta (CNV), as evidências ou as medidas da análise da eficácia dos procedimentos empregados nesse ensino, e apresentar à comunidade científica de que formas o ensino dessas habilidades pode ser favorável aos relacionamentos interpessoais e à promoção do bem-estar e saúde mental de professores e estudantes no ES.

A relevância científica deste artigo reside no estabelecimento de condições necessárias para a prospecção de estudos subsequentes, derivadas da discussão, e a relevância social está em tornar mais conhecida uma técnica sistematizada como a CNV, cujos elementos de

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

comportamento são ensináveis em pouco tempo e com baixo custo (Lauricella, 2019; Koopman & Seliga, 2021; Oliveira, 2019).

Para se alcançar a paz em qualquer âmbito, para além das iniciativas dos governos, das filosofias e religiões, há diversos meios, como propõem Baesler e Lauricella (2013), Lauricella (2019) e Koopman e Seliga (2021), que apostam no ensino da paz no Ensino Superior, e Freire (1996; 2011; 2016), cuja convicção é de que a paz no ambiente educacional não é construção individual, mas tarefa dialógica, coletiva e comunitária, que exige formação continuada. Se o objetivo do ES é servir à sociedade em geral, ensinar habilidades de paz é uma maneira poderosa de alcançá-lo, uma vez que os cidadãos que hoje são estudantes, tornar-se-ão profissionais em diferentes áreas e poderão ser multiplicadores de formas de comunicação pacífica.

A CNV foi escolhida por ser um método que se propõe a ensinar habilidades que resultam em comportamentos observáveis, cujo aprendizado e aplicação não dependem de valores morais, formação religiosa, traços de personalidade ou forças de caráter, tornando-se acessível a todos (Rosenberg, 2006); e também por estar contemporaneamente alinhada à filosofia da Educação para a Paz de Freire (1996; 2011; 2016), a qual norteia práticas educativas dialógicas para evitar a violência, mas não os conflitos. Freire (1996) alerta sobre a importância de se perceberem as diferenças de compreensão, por vezes antagônicas entre professores e estudantes na análise de problemas e no equacionamento de soluções, mas que seja observado o respeito com que cada posição merece ser considerada.

A pergunta que mobilizou esta pesquisa foi a seguinte: depois de receber instruções sobre como se comunicar de forma não-violenta, professores e estudantes no ES reduzem seus níveis de conflito? Em busca das respostas, o objetivo da revisão foi o de descrever e analisar o que se constitui em objeto de ensino em relação ao método CNV para estudantes e professores, e quais as evidências da eficácia desse ensino para a redução do conflito entre eles.

Inicialmente, este artigo apresenta os fundamentos da CNV e a relação da violência com a saúde mental. Em seguida, discorre sobre a revisão integrativa da literatura sobre o ensino das habilidades que compõem a CNV a professores e estudantes universitários, com análise de cada publicação. Por fim, expressa uma discussão crítica e possíveis oportunidades para trabalhos na área que preencham lacunas identificadas.

A Comunicação Não-Violenta e a saúde mental no Ensino Superior

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

O método CNV, criado por Rosenberg (2006) com a proposta de ser ferramenta eficaz na construção de relações humanas saudáveis em quaisquer ambientes é, ao mesmo tempo, estratégia e mediação teórica (Oliveira, 2019; Koopman & Seliga, 2021).

Rosenberg (2006) analisa o fenômeno da violência na comunicação, brevemente, sob o prisma da Sociologia e da História. Há muitos séculos, a sobrevivência dos povos conta com relações de poder como principal ou única estratégia e, esse modelo, ao ser incorporado pela cultura, acaba replicado nas relações de trabalho, de estudo, nos grupos sociais e familiares.

Em busca de antídotos para neutralizar a violência na comunicação cotidiana, muitas vezes implícita e não percebida, Rosenberg (2006) propõe uma forma de comunicação que aproxima as partes de suas reais necessidades e as inspira a abdicar dos impulsos de coerção. O autor sugere que a CNV quebre o ciclo de defensivas criado pelo pensamento agressivo e pelo julgamento, observado também nos ambientes acadêmicos (Koopman & Seliga, 2021).

Uma das habilidades essenciais de diálogo que a CNV pode ensinar é como ter conversas difíceis de forma a construir empatia e conexão, mesmo com diferenças. Koopman e Seliga (2021) descobriram que o ensino das habilidades de se comunicar não-violentamente aos estudantes universitários tornou possível conversar sobre assuntos sensíveis, pois os ajudou a ter conversas sobre temas polêmicos de maneiras respeitosas, mesmo quando não é possível conciliação. Também relatam que o ensino e a aprendizagem das habilidades de CNV mostrou-se útil para a compreensão da dinâmica das ações não-violentas, facilitando para os estudantes reconhecerem, intencional e conscientemente, a violência sutil ao seu redor.

Em termos conceituais, para a CNV, necessidade significa qualquer carência, privação ou falta de algo do que se exige provimento. E a tensão gerada por necessidades, aliada a sentimentos indesejados, negativos ou desagradáveis, podem disparar reações violentas de se buscar o suprimento da necessidade por imposição. Diante disso, tem-se que o princípio fundamental da CNV é que todo sentimento indesejado – como raiva, angústia, amargura, apreensão, ansiedade, impotência, medo, dentre outros – expressa necessidades não atendidas (Oliveira, 2019).

Tanto na vida acadêmica, para os estudantes, como no ambiente de trabalho, para os professores, o bem-estar e a saúde mental podem ser modificados por seus pensamentos e sentimentos decorrentes de conflitos e violência em qualquer nível (Campos, Véras & Araújo, 2020; Penha, Oliveira & Mendes, 2020; Pignatti & Silva, 2020). Nesse sentido, o adoecimento de docentes e discentes decorrentes de algum tipo de insatisfação, ou a não satisfação de alguma

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

necessidade (Almeida, Androlage & Barsaglini, 2021; Figueiredo & Roque, 2021), pode ser considerado adoecimento por violência.

Na prática, como abordagem, a CNV propõe a tomada de consciência sobre as próprias necessidades, a fim de interromper o ciclo reativo e opressivo da comunicação. Para isso, Rosenberg (2006) sistematiza o método em quatro passos, com as habilidades a serem ensinadas, como descritas por Oliveira (2019) e Koopman e Seliga (2021): 1. Observar os fatos com neutralidade, sem avaliar, apenas descrever sem julgar; 2. Nomear os sentimentos separados dos pensamentos; 3. Estabelecer relação entre os sentimentos e as necessidades, isentas de exigências de como devem ser satisfeitas; 4. Elaborar um pedido de ação positiva, uma proposta de ação concreta, possível de ser praticada, que supra a necessidade previamente identificada.

Quando a carência é resolvida, a tensão anteriormente criada é dissipada, sendo restaurados ao indivíduo o conforto e a confiança de que sua demanda pode ser atendida pacificamente, aliviando raivas, angústias, mágoas, tristezas e outras formas de negatividade (Oliveira, 2019).

Pensando para além dos conflitos nas relações professor-aluno, Koopman e Seliga (2021) propõem o ensino das habilidades de CNV para a resolução de conflitos institucionais e ideológicos, no ambiente onde a classe está inserida, trazendo para o campus universitário qualquer assunto do mundo e tornando factíveis discussões difíceis sobre temas alvos de polarização, intolerância ou desproporcional reatividade. Nessa mesma direção, Baesler e Lauricella (2013) apresentam o conceito de paz em quatro contextos que podem abarcar todas as possibilidades das relações humanas: intrapessoal, interpessoal, grupal e global. Portanto, a CNV de Rosenberg (2006) almeja ensinar habilidades que podem produzir comunicação empática, respeitosa e conciliadora em diferentes populações e aplicável a todos os contextos.

O método de estudo

O método utilizado foi a análise da produção científica, fundamentada em literatura que advoga demarcações relevantes no âmbito do fomento de conhecimentos sobre processos de ensino e de aprendizagem (Botomé & Rizzon, 1997; Cianca, Panosso & Kienen; 2020; Kienen et al, 2021), em busca da consistência metodológica e de evidências da eficácia do ensino daquilo que os autores de cada artigo disseram que ensinaram.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

Especificamente, como explicitado no Quadro 1, nas análises das publicações selecionadas foram priorizadas a identificação dos objetos de ensino e as evidências de aprendizagem. Os objetos de ensino consistem nas dimensões sobre as quais incidiram os procedimentos e as estratégias de ensino; e as evidências de aprendizagem correspondem às medidas estimadas nos artigos como base intersubjetiva de inferência da ocorrência ou não das aprendizagens previstas (Botomé & Rizzon, 1997; Cianca, Panosso & Kienen; 2020; Kienen et al, 2021). Estima-se que a explicitação do objeto de ensino e das medidas de aprendizagem apresentam-se como parâmetros necessários para garantir discussões baseadas em evidências sobre a consistência entre as estratégias de ensino adotados, considerando as ações dos participantes em interação com as mesmas, e a necessária discriminação entre os procedimentos de avaliação, as medidas de desempenho e os processos de ensino e de aprendizagem.

Revisão Integrativa: objetos de ensino e evidências de aprendizagem concernentes ao método Comunicação Não Violenta no Ensino Superior

A busca pelas publicações que relatam o ensino das habilidades necessárias para se comunicar de forma não-violenta à luz da CNV (Rosenberg, 2006) teve duas frentes. Na primeira, utilizando-se uma tabela de 131.274 periódicos da Plataforma Sucupira, foram filtrados aqueles que apresentam, no título, as palavras ‘violência’, ‘conflito’ ou ‘paz’ e, em inglês, *‘violence’*, *‘conflict’* ou *‘peace’*, de classificação mínima Qualis B2, resultando em 18 periódicos. Porém, a busca nos acervos das revistas não trouxe nenhuma publicação sobre ensino de habilidades de CNV a professores ou estudantes do Ensino Superior.

Na segunda frente, a pesquisa foi por artigos da forma mais aberta possível, no Google Acadêmico, de 2012 em diante. O filtro com as palavras ‘comunicação não-violenta’, ‘CNV’ e ‘professor’ em português, e suas correspondentes nos idiomas inglês, espanhol e italiano foi feito manualmente. O critério de inclusão foi que o artigo relatasse o ensino das habilidades da CNV no âmbito do Ensino Superior. Foram excluídos os trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações, teses, anais de congressos e livros. Os resultados resumidos pelo Quadro 1 são de quatro artigos e sete experimentos.

Quadro 1 – Resultado da busca por artigos que relatam o ensino de CNV no ES

Referência	Sobre o artigo	a. Objeto de ensino b. Participantes	Evidências da aprendizagem

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

Baesler, E. J., & Lauricella, S. (2013). Teach peace!: assessing instruction of the nonviolent communication and peace course. *Journal of Peace Education*, 11(1), 46-63.	Avalia a eficácia do ensino da disciplina do ES intitulada 'CNV e Paz' em três estudos.	a. Apesar de o objeto de ensino não estar explícito no artigo, com base nas medidas dos comportamentos, infere-se que foram ensinadas as habilidades de definir 'paz' linguisticamente; de reconhecer comportamentos pacíficos em pessoas; e de perceber seus próprios comportamentos pacíficos nos contextos intrapessoal, interpessoal, grupal e global. b. Estudantes do ES	Comparando-se o grupo exposto à disciplina com o grupo-controle, a quantidade de palavras empregadas para definir 'paz' não teve aumento significativo; a quantidade de nomes citados de pessoas consideradas modelos de paz foi maior; houve maior percepção de comportamentos de paz nos contextos intrapessoal, interpessoal, grupal e global.
Lauricella, S. (2019). The practice of nonviolence: Teaching an undergraduate course in nonviolent communication. *Journal of Communication Pedagogy*, 2, 103-110.	Relato de experiência da professora do ES que reuniu as melhores práticas de suas atividades docentes em cursos de CNV.	a. Construir uma bibliografia com textos que abordam a noção de conflito e paz na comunicação intrapessoal, interpessoal, política e global; criar atividades de ensino-aprendizagem que abordem problemas sociais e que possam ser realizadas durante as aulas e em outros momentos. b. Professores de CNV no ES	A autora apresenta o *feedback* positivo recebido dos estudantes que receberam seu curso, mas não de professores que utilizaram as instruções de seu artigo.
Oliveira, O. L. (2019). Comunicação não-violenta como ferramenta pedagógica: por uma prática docente propositiva e colaborativa. *Revista Perspectiva Sociológica*, n.º 24, 2º sem., 97-114.	Relato de experiência de um licenciando residente em docência no 3º ano do Ensino Médio ao aplicar as habilidades aprendidas de CNV com a classe.	a. O artigo relata não o ensino, mas a aplicação das habilidades de autoanálise e de análise do ambiente aprendidas pelo professor com o método de CNV: nomeação dos sentimentos, relação entre sentimentos e necessidades, e proposição de ações para suprir as necessidades identificadas. b. Professor	Segundo a observação e interpretação do professor: aumento do estado de atenção indicado por alterações posturais, o surgimento de gestos de anuência como resposta a perguntas, silêncio após a chamada e prontidão para o início das aulas.
Koopman, S., & Seliga, L. (2021). Teaching peace by using nonviolent communication for difficult conversations in the college classroom, *Peace and Conflict Studies*: Vol. 27: No.3, Article 2.	Foi ministrado um curso básico sobre CNV a estudantes e então foi analisada a capacidade deles e dos professores de manifestar as habilidades aprendidas em situações práticas em sala de aula.	a. Observar sem julgar; separar sentimentos de pensamentos; separar necessidades e valores das estratégias; formular pedidos ao invés de exigências. b. Estudantes e professores do ES	As autoras observaram a capacidade dos estudantes, e delas próprias, de utilizar as habilidades de CNV nas discussões em sala de aula, sendo as necessidades de respeito amplamente atendidas. Além das técnicas de CNV terem-se mostrado eficazes para ensinar como se comunicar de forma não-violenta, foi observado que o estudo de CNV aumentou a compreensão das ações não-violentas, sendo estas

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

			identificadas com mais facilidade pelos estudantes.

Fonte: elaborado pelos autores

A análise das obras objetivou buscar evidências da eficácia do ensino, almejando-se avaliar também o quanto cada experiência pode ser replicável a partir de seus registros.

Baesler e Lauricella (2013) - Ensinar a paz: avaliação da instrução do curso de Comunicação Não-Violenta e paz

O artigo de Baesler e Lauricella (2013) apresenta duas revisões bibliográficas que avaliam os resultados do ensino sobre paz, nas quais foi constatada falta de instrumentos de medida confiáveis para se avaliar a aprendizagem de habilidades que resultam em comportamentos de paz. A partir disto, os autores apresentam três estudos, com níveis crescentes de complexidade e qualidade metodológica, que se propõem a avaliar a eficácia do ensino, a estudantes universitários, de habilidades para se comunicar de forma não-violenta e ter comportamentos pacíficos.

Conceitualmente, os autores postulam que é necessário ensinar como gerar a paz para se alcançar a paz. Para tanto, a estratégia adotada foi oferecer uma disciplina intitulada 'Comunicação Não-Violenta e Paz' a quatro turmas do ES, em três experimentos consecutivos descritos pelo artigo.

Primeiro, o Estudo Piloto I, que incluiu dados da primeira vez que o curso foi ministrado em 2009. Em segundo lugar, o Estudo Piloto II, que se baseou em dados da segunda vez que o curso foi ministrado em 2010. Finalmente, o Estudo de Paz III em 2012, no qual foram coletados dados de estudantes de duas universidades. Os objetivos de aprendizagem em todos os cursos foram os mesmos: engajar-se no pensamento crítico no que diz respeito à paz na comunicação; manter atitude de abertura e confiança entre os estudantes, e entre eles e o professor; definir alguns dos pressupostos, valores e crenças associadas a CNV e paz; recordar o conhecimento histórico sobre CNV e eventos ou estudos de caso bem-sucedidos; familiarizar-se com a CNV e a paz para aplicar estas ideias na própria vida; engajar-se em um projeto de paz pessoal durante o semestre e compartilhar seus resultados com o professor e os colegas.

O Estudo Piloto I teve 11 participantes que responderam a três perguntas antes do início da disciplina, momento pré-intervenção, e, no fim do semestre, no momento pós-intervenção. As questões foram: (a) definir o termo 'paz', (b) avaliar, em uma escala, o quão pacífico se

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

considerava ser e (c) listar os nomes de tantas pessoas pacíficas que pudesse lembrar durante dois minutos. Os resultados após os participantes terem cursado a disciplina foram: (a) uma maior compreensão do termo paz, desde estereótipos até significados mais profundos, (b) modestas mudanças na percepção de si mesmo como uma pessoa pacífica, e (c) um pequeno aumento na capacidade de lembrar nomes de pessoas consideradas modelos de paz.

Além das modestas mudanças positivas nas crenças e comportamentos de paz, os resultados apontam para mudanças positivas na conceituação do termo 'paz' por parte dos estudantes, comparando-se às pesquisas do início do semestre. Isto é demonstrado pela quantidade de novos termos usados para definir 'paz', por noções mais dinâmicas de paz, e pela mudança da orientação de paz de 'somente exterior' para 'interior e exterior'.

Posteriormente, o Estudo Piloto II recebeu 18 respondentes, nos mesmos dois momentos pré e pós-intervenção e, ainda, os autores acrescentaram uma escala Likert com afirmações relativas aos quatro contextos da paz - intrapessoal, interpessoal, grupal e global - e concernentes às mesmas áreas das três perguntas do Estudo Piloto I. Os resultados analisados qualitativamente em relação às perguntas do Estudo Piloto I foram: (a) Os estudantes aprofundaram sua compreensão do termo paz, como evidenciado pelas descrições qualitativas pré e pós-intervenção de 16 respondentes, e pelo aumento do número de palavras na definição de paz empregadas por cerca da metade dos participantes; (b) Houve evidências de mudanças pequenas mas consistentes nas crenças e comportamento dos estudantes em relação à paz como resultado da participação no curso; (c) Os estudantes apresentaram novos nomes de pessoas consideradas modelos de paz, maior variedade de maneiras de se identificarem com as crenças de paz e maior variedade de maneiras de adotarem comportamentos pacíficos em suas vidas, quando comparados ao início do curso.

No Estudo da Paz III, foi ministrada a mesma disciplina 'CNV e paz' em duas universidades simultaneamente, onde cada autor do artigo foi professor de uma turma. Todos os alunos dos cursos foram convidados a participar da pesquisa em ambos os momentos pré e pós-intervenção. O grupo experimental foi composto por 42 estudantes que cursaram a disciplina 'CNV e paz', e outros 17 estudantes, que cursaram outras disciplinas, desempenharam o papel de grupo controle.

A partir desse desenho, foi possível estabelecer hipóteses do que se esperava encontrar em termos de respostas no grupo experimental e no grupo controle. O instrumento de medida foi aperfeiçoado e foram mantidos os quatro contextos da paz (intrapessoal, interpessoal, grupal

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

e global), as três áreas de perguntas desde o Estudo Piloto I, e a coerência com o objetivo dos autores de avaliar o ensino de CNV e paz no ES.

Foram levantadas três hipóteses e uma pergunta de pesquisa. Hipótese 1: Ao se comparar as respostas pré e pós-intervenção, haverá número maior de palavras para definir paz no grupo experimental do que no grupo controle. Os resultados não sustentaram esta hipótese porque foram encontrados padrões pré e pós-intervenção similares. Hipótese 2: Ao se comparar as respostas pré e pós-intervenção haverá número maior de nomes de pessoas consideradas modelos de paz no grupo experimental do que no grupo controle. Esta hipótese foi confirmada, sendo encontrado número maior de nomes de pessoas consideradas modelos de paz nas respostas pós-intervenção do grupo experimental em comparação com o grupo controle. Hipótese 3: Ao se comparar as respostas pré e pós-intervenção, haverá maior pontuação para percepção de comportamentos de paz nos contextos intrapessoal, interpessoal, grupal e global no grupo experimental do que no grupo controle. Esta hipótese também foi confirmada, ao se observar aumento na pontuação de comportamentos de paz em todos os contextos nas respostas no grupo que recebeu o curso de CNV.

Lauricella (2019) – A prática da não-violência: como ensinar comunicação não-violenta em um curso de graduação

O artigo de Lauricella (2019) reúne, em forma de relato de experiência de caráter instrucional, suas melhores práticas ao ministrar cursos que ensinam habilidades de CNV, colecionadas em sete anos de docência em uma grande instituição de ES. O citado artigo objetiva que o professor participante desenvolva atividades didáticas que ampliem as condições de aprendizagem e de manifestação de habilidades de CNV no ES.

A estratégia adotada pela autora foi apresentar recomendações para quem se propõe a ensinar habilidades de CNV no formato de uma disciplina no ES. Lauricella (2019) defende que os estudantes podem aprender tanto a teoria quanto a prática da não-violência por meio de leituras e atividades que abordam problemas sociais. As instruções visam ajudar os professores a construir uma bibliografia com textos sobre conflito e paz na comunicação intrapessoal, interpessoal, política e global, bem como orientar para atividades que podem ser realizadas durante as aulas e em outros momentos.

As prioridades da autora concentram-se em: 1. garantir que as questões de conflitos relacionados à mulher sejam abordadas sob a ótica feminina, incluindo textos de autoras; 2.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

abordar questões associadas a conflitos de raça e etnia incluindo textos de autores de diversas raças e etnias; 3. apresentar fatos históricos e biografias de personalidades; 4. contemplar a diversidade religiosa e espiritual, inclusive com autores ateus e agnósticos, ao mesmo tempo que considera conflito e violência também em contextos religiosos; 5. evitar que os estudantes tenham despesas com livros didáticos, buscando periodicamente novidades de acesso gratuito; 6. propor aos estudantes que escrevam textos em resposta aos artigos lidos e postem como atividades do curso; 7. propor aos estudantes que formulem perguntas disparadoras de discussões em sala; 8. propor aos estudantes que realizem um projeto pessoal envolvendo CNV e que escrevam um artigo sobre o projeto (e divulgar os projetos anteriores para inspirá-los); 9. propor experiências com CNV criando discussões *on-line* e abrindo oportunidades de discutir como o conflito pode ser criado e resolvido *on-line;* 10. ensinar sobre interseccionalidade, sobre pessoas que vivenciam mais que uma condição minorizante ou vulnerabilizante. Como recomendação geral, Lauricella (2019) alerta que todos os alunos precisam estar representados pelos temas e autores da lista de leitura, e que devem ser contemplados também temas relativos à comunicação intercultural.

No tocante à eficácia dessas ações junto aos alunos de seu curso, a autora acredita que sua prática docente empregando as 10 melhores práticas foi bem-sucedida porque recebeu dos estudantes *feedback* elogiando o conteúdo e o formato das aulas.

Oliveira (2019) - Comunicação Não-Violenta como ferramenta pedagógica: por uma prática docente propositiva e colaborativa

Apesar de este relato de experiência ser ambientado no 3º ano do Ensino Médio (EM), ele foi incluído na revisão integrativa porque o autor era estudante universitário cumprindo suas horas de residência pedagógica no EM.

O objetivo do artigo de Oliveira (2019) foi o de explorar as implicações práticas do uso das habilidades que ele aprendeu com o método CNV enquanto ferramenta na construção de trabalho docente colaborativo e propositivo, resultado da intersecção entre as atividades discentes e docentes. Trata-se de um relato de experiência em que o autor registra uma intervenção junto aos alunos, como pesquisador participante.

Oliveira (2019) relata que ele utilizava a Comunicação Não-Violenta como ferramenta de autoanálise e para aprimorar a comunicação com a alteridade e, tendo colhido resultados positivos com essa prática, decidiu aplicá-la como método de análise para compreender o

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

fenômeno que se estabelecia na classe durante as chamadas[5]. O autor mobilizou-se ao experimento com o método CNV devido às situações de violência observadas nos minutos iniciais das aulas, quando os estudantes ignoravam a presença do professor titular que fazia a chamada, e este, para ser ouvido, gritava enfurecido os nomes; e, para ouvir as respostas, gritava comandos de ordem e silêncio. “Renova-se, assim, a cada grito, aqueles afetos de desânimo, antagonismo, frustração e prejuízo à saúde sentimental, e até física, de todos envolvidos”. (Oliveira, 2019, p.108)

Como estratégia, o autor não ensina nada diretivamente, mas relata que aplicou as habilidades aprendidas da CNV em sua comunicação com a classe e observou mudanças de comportamento positivas nos estudantes. Segundo o autor, sua fala aos alunos segue os passos do método de CNV de Rosenberg (2006): emprega as habilidades de autoanálise e nomeação dos sentimentos, estabelece relação entre os sentimentos e as necessidades, e propõe uma ação para suprir as necessidades identificadas. Neste primeiro momento, ele fez jus ao que Rosenberg (2006) chama de ‘observar sem avaliar’(Oliveira, 2019).

As evidências que Oliveira (2019) colheu de que sua comunicação havia atingido seu objetivo foram: 1. Aumento do estado de atenção da turma na hora da chamada que, antes da intervenção era mínimo, mas depois da intervenção foi observado em quase todos. O estado de atenção foi medido pelo professor pela observação de expressão corporal e facial; 2. Anuências positivas dos estudantes em resposta a propostas e perguntas, que eram inexistentes antes da intervenção, mas depois da intervenção eram acompanhadas de sorrisos; 3. Prontidão para o início da aula, marco comandado pelo professor antes da intervenção, mas, depois, eram os estudantes quem sinalizavam o início da aula, por meio da atenção silenciosa após a chamada.

Em suma, o artigo de Oliveira (2019) descreve os resultados do emprego das habilidades aprendidas de se comunicar de forma não-violenta, segundo os pilares da CNV de Rosenberg (2006), pelo professor junto a seus alunos, sugerindo que os efeitos favoráveis da mudança em seu relacionamento transbordaram do momento da chamada para o decorrer do período de aula e para o clima geral entre docente e discentes.

Koopman e Seliga (2021) - Ensinar a paz usando a Comunicação Não-Violenta para conversas difíceis na sala de aula da faculdade

[5] As ‘chamadas’ a que ele se refere, trata-se da atividade em que o professor preenche a lista diária de presença chamando pelo nome de cada estudante e, quem está na sala responde ‘presente’, levanta o braço ou emite outras formas de resposta.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

O artigo de Koopman e Seliga (2021) teve a intenção de verificar se o ensino a estudantes universitários de como se comunicar de forma não-violenta por meio do método CNV e o incentivo de seu uso ajudaria a atender à necessidade de respeito em conversas difíceis na sala de aula. Trata-se de um trabalho de abordagem fenomenológica, que busca compreender como se ensinam as habilidades que produzem comportamentos de comunicação não-violenta. A questão inicial da pesquisa era saber se o ensino da CNV ajudaria os estudantes a discutir assuntos polêmicos; e, mais especificamente, saber como os estudantes se sentiam a respeito do uso desta ferramenta para conversas difíceis, e saber se essa técnica ajudaria a atender às necessidades de respeito durante as atividades.

A estratégia adotada foi a de ofertar tal ensino em uma disciplina de graduação organizada em dois momentos. Nas primeiras três semanas houve o treinamento nas habilidades de CNV e depois a técnica foi praticada em sala, em apresentação de casos, jogos e exercícios para discriminar sentimentos e necessidades, dentre outras atividades. Além disso, as autoras se propuseram a lecionar de forma não-violenta e a ensinar as habilidades de se comunicar de forma não-violenta, incluindo-se no experimento como participantes ativas.

No primeiro dia de aula foi explicada a pesquisa e foi feito o convite a todos. No segundo dia, os 24 estudantes que aceitaram participar das atividades responderam a um questionário antes de receber qualquer conteúdo do curso.

Em seguida, eles receberam três semanas de treinamento básico nas habilidades de se comunicar de forma não-violenta segundo a técnica de CNV de Rosenberg (2006), cujos pilares são: observar sem julgar; separar sentimentos de pensamentos; separar necessidades e valores das estratégias; formular pedidos ao invés de exigências. Eles receberam textos de apoio e preencheram avaliações semanais antes de cada aula. Os participantes foram convidados a responder a nova pesquisa no final dessas três semanas, e a outra no final do semestre.

Após o treinamento inicial e ao longo de todo o semestre, os alunos foram estimulados a utilizar o que foi aprendido sobre as habilidades de CNV nas discussões difíceis propostas em sala. Foram apresentados temas polêmicos, exemplos de ações não-violentas, e assuntos frente aos quais os estudantes deveriam se posicionar.

Os formulários das pesquisas do início do semestre, o de após as três semanas de treinamento básico em CNV e o do final do semestre tinham perguntas abertas, de múltipla escolha e de escala Likert. Os formulários não eram iguais, pois o objetivo era uma investigação qualitativa sobre a experiência e seu valor para cada estudante.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

Koopman e Seliga (2021) reuniam-se após cada aula para discutir sobre o andamento da aula, registrar suas observações e analisar a capacidade, tanto dos alunos como delas próprias, de usar as habilidades de CNV nas atividades propostas.

Segundo as autoras, após alguns poucos dias do treinamento inicial, as habilidades de se comunicar de forma não-violenta começaram a modificar a comunicação interpessoal, dando pistas de que os resultados esperados começavam a surgir em prazo inferior aos prognósticos. Foram observadas mudanças favoráveis inclusive nos trabalhos escritos dos estudantes, quando passaram a apresentar influências da estrutura do método de CNV.

As evidências do aprendizado foram verificadas na prática, nas discussões durante o semestre. Constatou-se que, embora tanto as professoras quanto os estudantes fossem iniciantes em CNV, os estudantes evidenciaram suas habilidades adquiridas para discutir temas polêmicos em uma classe com grande diversidade de pontos de vista e as necessidades, principalmente de respeito, foram amplamente atendidas.

Koopman e Seliga (2021) concluem que, apesar de as técnicas da CNV terem-se mostrado eficazes para ensinar a como se comunicar de forma não-violenta, foi observado que o estudo desse conteúdo aumentou também a percepção das ações pacíficas, sendo as ocorrências de tais ações, assim como das consequências delas, identificadas e discriminadas com mais facilidade pelos estudantes.

Discussão e Considerações Finais

A despeito da heterogeneidade das referências selecionadas, advoga-se inconteste convergência das mesmas quanto ao propósito de seus autores na divulgação de dimensões relevantes do contato ou do ensino dos repertórios que definem a CNV e a paz. É importante destacar que em nenhum dos artigos analisados foi relatado tempo de preparação ou de prática como obstáculo, tampouco algum tipo de domínio prévio da ferramenta por parte dos alunos ou dos professores para que a CNV trouxesse resultados, sinalizando facilidade em sua aplicação e na disseminação de sua prática.

Quanto à desejável reprodutibilidade dos procedimentos descritos nos artigos selecionados, nenhum dos quatro artigos teve por objetivo ser um manual de implementação dos cursos. Dentro do propósito de cada um, estima-se que todos cumpriram com o alcance previsto na redação dos respectivos artigos.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

Salienta-se que, dado o escopo deste trabalho, apesar de a expressão ‘ensinar CNV e paz’ ser compreendida na linguagem informal, conceitualmente reconhece-se que ela carece de nitidez sobre quais seriam exatamente as habilidades que se constituem como objeto de ensino e sobre as quais incidiriam as estratégias e procedimentos de ensino. É necessário identificar as habilidades que, ao serem emitidas, resultariam em comunicação não-violenta e paz, porque a produção destas características de convivência depende da aprendizagem de habilidades específicas.

Os quatro textos expressam, com peculiaridades, propostas de ensino das habilidades ou dos repertórios que definem a CNV e a paz, ou propostas de contato com essa temática, mas apenas o de Oliveira (2019) e o de Koopman e Seliga (2021) fazem referência à obra de Rosenberg (2006), descrevendo as habilidades que compõem seu método enquanto objeto de ensino. Baesler e Lauricella (2013) apontam que há um programa para sua disciplina, mas não reproduzido no artigo, e Lauricella (2019) sugere o teor das fontes bibliográficas, mas não especifica nenhum referencial teórico.

Pode-se inferir, assim, que há outros métodos de se ensinar habilidades que definem repertórios pacíficos, e pode ser que estejam sendo chamados todos de CNV, mesmo quando não se trata do método de Rosenberg (2006). Portanto, não se pode assumir que, por constar CNV no texto, o objeto de ensino tenha sido o mesmo.

Tampouco se pode deduzir que aquilo que foi avaliado foi ensinado. No experimento de Baesler e Lauricella (2013), por exemplo, não há relato do que foi ensinado quando ministrada a disciplina ‘CNV e Paz’, mas foram avaliadas a capacidade de se definir paz, a capacidade de se lembrar de nomes de pessoas pacíficas e o quão pacífico cada estudante avaliava ser. Caso tenham sido ensinadas as quatro habilidades da CNV de Rosenberg (2006), seu aprendizado não foi evidenciado pela avaliação pré e pós-intervenção. Nesse artigo, uma vez que não constam quais habilidades foram ensinadas, não se tem como avaliar a eficácia do ensino. Enfatiza-se, portanto, a necessidade das medidas de aprendizagem vinculadas ao ensino de repertórios não violentos, posto que relatar sobre o assunto e se comportar de modo não violento demandam condições de interação distintas.

Foi identificada fragilidade nas evidências do ensino em todos os artigos, com exceção do trabalho de Koopman e Seliga (2021) que apresenta resultados de pesquisas qualitativas mostrando crescente aquisição de recursos dos estudantes para se comunicar de forma não violenta e participar de discussões difíceis.

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

No trabalho de Lauricella (2019), o fato de alguns alunos terem elogiado suas aulas significa que eles gostaram delas, mas não que o ensino de como ministrar um curso de CNV utilizando as melhores práticas da autora seja eficaz. Com base no *feedback* de seus alunos, a autora convida professores de CNV a utilizarem as melhores práticas descritas em seu artigo, mas não relatou se recebeu *feedback* de professores que utilizaram tais práticas para replicar seu curso. E, sendo um artigo de natureza instrucional, seu objeto de ensino consiste na aquisição de repertórios pelo professor e pelos estudantes. Ainda, o artigo igualmente prioriza o desenvolvimento de repertórios no leitor, sabendo-se inacessíveis as evidências da eficácia do ensino proposto junto a essa população de anônimos.

O artigo de Oliveira (2019) não ensina as habilidades de CNV propriamente ditas, mas implementa uma intervenção que recruta suas próprias habilidades de CNV no relacionamento com seus alunos. Coerentemente, seu artigo não apresenta evidências do ensino, pois o objetivo do experimento não era ensinar nada explicitamente. Como não há indícios no texto de que o professor tenha ensinado as habilidades de CNV aos estudantes, a mudança de comportamento deles pode ter sido consequência da mudança do comportamento do professor. O autor também relata resultados de mudanças positivas no comportamento dos alunos durante as aulas, o que transcendeu seu objetivo inicial. Contudo, as únicas evidências do resultado de sua intervenção são seu depoimento a partir de sua observação e comparação com o referencial constatado por ele antes da intervenção.

Voltando à pergunta inicial desta investigação, se depois de receber instruções sobre como se comunicar de forma não-violenta, professores e estudantes no ES reduziriam seus níveis de conflito, somente o artigo de Oliveira (2019) aborda diretamente a relação docente-discente. Por sua vez, os artigos de Baesler e Lauricella (2013) e de Lauricella (2019) oferecem instruções para professores ministrarem cursos de CNV que contemplam as relações intrapessoal, interpessoal, política e global, não mencionando especificamente as relações professor-aluno. E o artigo de Koopman e Seliga (2021) relata o ensino das habilidades a estudantes universitários visando o preparo destes para conversas difíceis, cujos interlocutores podem ser tanto colegas como professores.

Indo além das evidências textuais, Oliveira (2019) infere que as habilidades de se comunicar de forma não-violenta conforme o método da CNV possibilitou maior conexão entre professor e alunos, e que partilhar sentimentos e necessidades aumentou a empatia e o senso de pertencimento dos estudantes ao processo de ensino-aprendizagem. Na presença de condições intencionalmente dispostas para que os estudantes pudessem se sentir respeitados, considerados

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

e não julgados, eles emitiram comportamentos de respeito, de atenção e de consideração ao professor. A vulnerabilidade comum a todos os teria tornado mais iguais, igualmente sensíveis às condições de interação não violenta, proporcionando a empatia.

Os resultados dos experimentos de Baesler e Lauricella (2013) não mencionam o que ocorre com os professores, mas validam que a CNV promove mudanças duradouras nos comportamentos de paz e de comunicação positiva entre aqueles treinados em suas técnicas, o que é corroborado por Koopman e Seliga (2021) quando relatam resultados de outros trabalhos explorados em revisão. Ainda, essas autoras afirmam que constataram evidências indiretas dos repertórios que definem a CNV quando observaram aumento do fortalecimento de vínculos com os estudantes e aumento da satisfação com sua atividade docente.

Enquanto a CNV tem sido descrita como promissora para a mudança das relações humanas, Koopman e Seliga (2021) identificaram limitações em sua aplicação quando não há confiança mútua nas relações interpessoais. Tal situação pode ser considerada um impasse, na medida em que a CNV não se destina a convencer ninguém de uma posição, mas sim a construir uma conexão que pode facilitar a abertura para o estabelecimento de confiança a partir de uma comunicação autêntica.

Por fim, como uma limitação deste trabalho, ressalta-se a pouca atenção dispensada à saúde mental nos artigos, que foi o oposto do esperado no início da revisão. A hipótese de que aprender a se comunicar de forma não-violenta produziria relacionamentos mais pacíficos e geraria impactos positivos na saúde mental de docentes e discentes não pode ser verificada porque não foram encontrados registros de tais resultados. Neste cenário, tudo ainda há a ser explorado sobre o ensino de habilidades que promovem paz e saúde mental.

Para novas pesquisas, diante de um mundo constituído por diferentes modalidades de violências nas dimensões intrapessoal, interpessoal, grupal e global, a Psicologia deve se posicionar como provedora de recursos para escolhas diferentes, por parte de todos os envolvidos, posto que, onde há violência, todos sofrem.

Os contributos de Freire (2011) estão alinhados com a Psicologia e a Educação para a paz, na medida em que propõem uma pedagogia dialógica. Para desenvolver uma relação dialógica no ensino-aprendizagem, é preciso transpor o “modelo bancário”, que é o de depositar conhecimentos nos estudantes, em relação monológica. No Ensino Superior, não será apenas transmitindo conhecimentos que o processo educacional contribuirá para desenvolver os pressupostos para promover a efetiva inclusão social de todos e em paz. Para que haja relação dialógica, é preciso que os participantes se percebam em situação de equidade, para que

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

nenhuma hierarquia se sobreponha ao desejo e à necessidade de promover diálogos, o que é impossível ocorrer quando a paz se retira das interações (Vasconcelos e Gomes, 2016).

Diante da constatação de uma quantidade muito reduzida de publicações nesta temática, o convite à comunidade científica para que fomente e produza saberes sobre o ensino de habilidades que favoreçam a paz, tanto quanto de evidências das aprendizagens esperadas, apresenta-se amplo e irrestrito.

Ainda, o ensino das habilidades de CNV é aplicável a outros ambientes onde há relações de poder, como entre gestores e empregados e, ainda que nem sempre reconhecidas como tais, entre líderes religiosos e fiéis, entre profissionais da área da saúde e pacientes. Nesses âmbitos também cabe investigação.

A fim de que todos colham os benefícios de relações mais saudáveis no ambiente acadêmico, há que se garantir a inclusão de todas as populações no ensino de CNV e paz, promovendo acessibilidade a todo tipo de pessoa com necessidades especiais permanentes, temporárias ou circunstanciais, porque o respeito e o atendimento às necessidades, em todos os contextos, é princípio basilar na Comunicação Não-Violenta.

Referências

Almeida, K. B. B. de, Androlage, J. S., & Barsaglini, R. (2021). Condições crônicas em docentes do ensino superior: revisão integrativa. *Sanare*, *20*(1), 62-72. https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1551

Baesler, E. J., & Lauricella, S. (2013). Teach peace!: assessing instruction of the nonviolent communication and peace course. *Journal of Peace Education*, *11*(1), 46-63. https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17400201.2013.777899

Barroso, P., Oliveira, I., Noronha-Sousa, D., Noronha, A., Mateus, C., Vázquez-Justo, E., & Costa-Lobo, C. (2022). Dropout Factors in Higher Education: A Literature Review. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26, 1-10. https://doi.org/10.1590/2175-35392022228736T

Botomé, S. P., & Rizzon, L. A. (1997). Medida de desempenho ou avaliação da aprendizagem em um processo de ensino: Práticas usuais e possibilidades de renovação. *Chronos*, *30*(1), 7-34.

Campos, T. C., Véras, R. M., & Araújo, T. M. de. (2020). Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica. *Revista Docência do Ensino Superior*, 10, 1-19. https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/15193

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

Casanova, J. R. (2018). Abandono no ensino superior: Modelos teóricos, evidências empíricas e medidas de intervenção. *Educação: Teoria e Prática*, *28*(57), 5-22. https://doi.org/10.18675/1981-8106

Cianca, B. C., Panosso, M. G., & Kienen, N. (2020). Programação de condições para o desenvolvimento de comportamentos: Caracterização da produção científica brasileira de 1998-2017. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *11*(2), 114-136. https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/661

Figueiredo, S. L. de & Roque, J. I. B. (2021). Sofrimento psíquico e síndrome de burnout em docentes do ensino superior: uma revisão sistemática. *Revista AMAzônica*, *13*(1), 527-554. https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/8337

Freire, P. (2016). *Conscientização.* São Paulo, Cortez.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia:* saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra.

Freire, P. (2011). *Pedagogia do oprimido,* 50ªed. São Paulo: Paz e Terra.

Kienen, N., Panosso, M. G., Nery, A. G. S., Waku, I., & Carmo, J. dos S. (2021). Contextualização sobre a Programação de Condições para o Desenvolvimento de Comportamentos (PCDC): Uma experiência brasileira. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *12*(1), 82-102. https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/761

Koopman, S., & Seliga, L. (2021). Teaching peace by using nonviolent communication for difficult conversations in the college classroom, *Peace and Conflict Studies*: *27*(3), Artigo 2. https://nsuworks.nova.edu/pcs/vol27/iss3/2

Lauricella, S. (2019). The practice of nonviolence: Teaching an undergraduate course in nonviolent communication. *Journal of Communication Pedagogy,* 2, 103-110. https://scholarworks.wmich.edu/jcp/vol2/iss1/18/

Oliveira, O. L. (2019). Comunicação não-violenta como ferramenta pedagógica: por uma prática docente propositiva e colaborativa. *Revista Perspectiva Sociológica*, 24, 97-114. https://cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/2265

Penha, J. R. L.; Oliveira, C. C.; Mendes, A. V. S. (2020). Saúde mental do estudante universitário: revisão integrativa. *Journal Health NPEPS*, *5*(1), 369–395. https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3549

Pignatti, E. S., & Silva, C. M. G. D. da. (2020). Relação entre saúde emocional e qualidade de vida no trabalho de professores universitários: revisão da literatura. *Braz. J. of Develop*., *6*(10), 75058-75075. https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/17756

Porto, C. de M., & Santos, F. M. F. (2018). Uma revisão bibliográfica da relação entre professor e aluno no ensino superior sob a ótica da afetividade. *Atos de Pesquisa em*

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

Educação - ISSN 1809-0354, 13(1), 194-211, jan./abr. https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/5697

Rosenberg, M. B. (2006). *Comunicação não-violenta:* técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Trad. de Mário Vilela. São Paulo, Ágora.

Soares Silva, A. de S., & Ribeiro, M. L. (2020). Relação professor-estudante no ensino superior: uma revisão de literatura. *Educação por Escrito*, *11*(1), Artigo e34309. https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/porescrito/article/view/34309

Souza, M. T. de, Silva, M. D. da, & Carvalho, R. de. (2010). Integrative review: what is it? How to do it?. *Einstein*, (1), 102-106. https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=en

Tinto, V. (2010). *Completing college: Rethinking institutional action*. Chicago, The University of Chicago Press.

Tinto, V. (1993). *Leaving college: Rethinking the causes and cures of student attrition*, Chicago, University of Chicago Press.

Vasconcelos, I., & Gomes, C. (2016). Pedagogia dialógica para democratizar a educação superior. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*. *24*(92): 579-608. https://doi.org/10.1590/S0104-40362016000300004

Wolf-Wendel, L., Ward, K., & Kinzie, J. (2009). A tangled web of terms: The overlap and unique contribution of involvement, engagement, and integration to understanding college student success. *Journal of College Student Development*, *50*(4), 407-428. https://doi.org/10.1353/csd.0.0077

World Health Organization. (2003). *Investing in Mental Health*. (D. of M. H. and S. Dependence & N. D. and M. Health **(Eds.).** Geneva: World Health Organization. http://www.who.int/mental_health/media/investing_mnh.pdf

[1]Recebido 08 de junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022